



***PRETAGOGIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO COTIDIANO ESCOLAR:
DAS REFLEXÕES ÀS PRÁTICAS***

***PRETAGOGIA COMO PRÁCTICA PEDAGÓGICA EN EL COTIDIANO
ESCOLAR: DE LAS REFLEXIONES A LAS PRÁCTICAS***

***PRETAGOGIA AS PEDAGOGICAL PRACTICE IN THE SCHOOL DAILY LIFE:
FROM REFLECTIONS TO PRACTICES***

Josimar Santana Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a Pretagogia enquanto prática pedagógica no cotidiano escolar, com base em uma abordagem bibliográfica de caráter qualitativo. Fundamentada em epistemologias negras e nas pedagogias críticas, a Pretagogia propõe a valorização dos saberes ancestrais afro-brasileiros e a ressignificação das práticas educativas tradicionais, desafiando a hegemonia eurocêntrica que ainda prevalece nas instituições de ensino. Os resultados evidenciam que, embora existam avanços teóricos e práticas significativas, a consolidação da Pretagogia no espaço escolar ainda encontra entraves estruturais, como o racismo institucional, a formação docente limitada e a ausência de políticas públicas efetivas. Conclui-se que a Pretagogia representa um caminho viável e necessário para a construção de uma escola mais democrática, plural e comprometida com a justiça racial e social.

PALAVRAS-CHAVE: Pretagogia. Educação antirracista. Práticas pedagógicas. Cotidiano escolar.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la Pretagogia como práctica pedagógica en el cotidiano escolar, a partir de un enfoque bibliográfico de carácter cualitativo. Fundada en epistemologías negras y pedagogías críticas, la Pretagogia propone la valorización de los saberes ancestrales afro-brasileños y la ressignificación de las prácticas educativas tradicionales, desafiando la hegemonía eurocéntrica que todavía prevalece en las instituciones de enseñanza. Los resultados evidencian que, aunque existen avances teóricos y prácticos significativos, la consolidación de la Pretagogia en el espacio escolar

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos. Universidade Estadual de Feira de Santana, Serrinha, Bahia, Brasil.

todavía encuentra obstáculos estructurales, como el racismo institucional, la formación docente limitada y la ausencia de políticas públicas efectivas. Se concluye que la Pretagogia representa un camino viable y necesario para la construcción de una escuela más democrática, plural y comprometida con la justicia racial y social.

PALABRAS-CLAVE: Pretagogia. Educación antirracista. Prácticas pedagógicas. Cotidiano escolar.

ABSTRACT

This article aims to analyze the Pretagogia as a pedagogical practice in everyday school life, based on a bibliographical approach of qualitative character. Based on black epistemologies and critical pedagogies, Pretagogia proposes the valorization of Afro-Brazilian ancestral knowledge and the resignification of traditional educational practices, challenging the Eurocentric hegemony that still prevails in educational institutions. The results show that, although there are significant theoretical and practical advances, the consolidation of Pretagogia in the school space still finds structural obstacles, such as institutional racism, limited teacher training and the absence of effective public policies. It is concluded that Pretagogia represents a viable and necessary path for the construction of a more democratic school, plural and committed to racial and social justice.

KEYWORDS: Pretagogia. Anti-racist education. Pedagogical practices. School life.

Introdução

A educação brasileira, historicamente marcada por processos de exclusão, silenciamento e apagamento dos saberes negros, ainda enfrenta desafios significativos no tocante à consolidação de práticas pedagógicas efetivamente antirracistas. Apesar de avanços normativos, como a promulgação da Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003), que torna obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das redes de ensino, observa-se uma lacuna entre a proposta legal e o que se concretiza nas práticas cotidianas das instituições escolares. Nesse cenário, a Pretagogia desponta como uma abordagem epistemológica e metodológica propondo o resgate e a valorização dos saberes ancestrais de matriz africana, assumindo um papel fundamental na desconstrução de paradigmas eurocêntricos ainda hegemônicos na educação brasileira.

É nessa perspectiva que a pertinência desta investigação reside, isto é, na necessidade de compreender, de forma crítica e aprofundada, os modos pelos quais a Pretagogia tem sido incorporada (ou negligenciada) no cotidiano das práticas pedagógicas escolares. Considerando o contexto de desigualdades raciais estruturalmente reproduzidas no ambiente educacional, apresenta-se como uma alternativa teórico-prática capaz de tensionar essas estruturas, promovendo uma educação pautada na equidade, na

justiça racial e social e na representatividade. Trata-se, portanto, de um campo de estudos que demanda maior visibilidade e aprofundamento, especialmente sobre a sua efetivação nas práticas docentes e na organização curricular.

Nesse sentido, o presente artigo propõe-se a responder à seguinte problemática: de que maneira a Pretagogia tem sido ou pode ser incorporada como prática pedagógica no cotidiano escolar? Tal questionamento orienta a investigação no sentido de analisar criticamente as contribuições da Pretagogia para a transformação das práticas pedagógicas, bem como os desafios enfrentados para sua implementação nas escolas.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar a Pretagogia como prática pedagógica no contexto escolar, por meio de uma abordagem bibliográfica que contemple os aportes teóricos e as experiências práticas já consolidadas na literatura acadêmica. Como objetivos específicos, propõe-se: (i) examinar os fundamentos teóricos que sustentam a Pretagogia e sua interlocução com as pedagogias críticas e antirracistas; (ii) identificar práticas educativas que apresentem elementos característicos da Pretagogia; e (iii) discutir os limites e as potencialidades da aplicação dessa abordagem no cotidiano das instituições escolares.

Para tanto, optou-se por uma metodologia qualitativa, com enfoque em pesquisa bibliográfica. A investigação baseou-se na análise de produções acadêmicas, como artigos científicos, dissertações, teses e livros que tratam da Pretagogia, das pedagogias negras, da educação para as relações étnico-raciais e das práticas pedagógicas emancipatórias.

A seleção do material foi realizada por meio de pesquisas em indexadores eletrônicos disponíveis na internet, como Scielo e Periódicos Capes, garantindo o acesso a fontes confiáveis e atualizadas. A escolha dos textos considerou critérios de relevância, atualidade e aderência ao tema da pesquisa. A análise dos materiais foi estruturada a partir de categorias temáticas como: compromisso docente na Pretagogia, desafios na implementação de práticas pedagógicas transformadoras, educação antirracista e metodologias emancipatórias.

Essas categorias permitiram uma abordagem crítica e contextualizada do fenômeno investigado, possibilitando identificar padrões, convergências e divergências nas produções selecionadas. Optou-se por não citar outras dissertações e teses que, apesar de encontradas durante a busca e serem extremamente importantes, não apresentavam alinhamento direto com os objetivos específicos da pesquisa.

Pretagogia: conceito e fundamentos teóricos

Originada diante das dificuldades que educadores e educadoras demonstravam para aplicar a Lei nº 10639/03 (Brasil, 2003), em parte devido ao desconhecimento da área e à falta de um aprofundamento mais consistente, a Pretagogia surge como uma abordagem antirracista destinada tanto a pessoas negras quanto não negras, incentivando a valorização da africanidade para além das características fenotípicas.

Para Adilbênia Freire Machado (2014), espera-se que, por meio desse processo, ocorra a descoberta e a apropriação de novos saberes historicamente excluídos do currículo escolar, relacionados à história e à cultura africana e afro-brasileira. Além disso, busca-se que essa assimilação seja promovida por meio de estratégias que estimulem o reconhecimento e o fascínio, pelos diversos universos e territórios africanos e afrodescendentes. Essa perspectiva antirracista visa romper com a suposta universalidade eurocêntrica que ainda predomina na maioria dos currículos escolares (Machado, 2014).

O conceito de "Pretagogia" foi desenvolvido por Sandra Haydée Petit e Geranilde Costa e Silva (2011a) como uma proposta pedagógica voltada para a valorização das culturas afro-brasileiras e a promoção da equidade racial na educação. Esse conceito surge a partir da necessidade de enfrentar o racismo estrutural e institucional, especialmente no ambiente escolar, por meio de uma prática educativa que reconheça, valorize e promova as experiências e os saberes da população negra. A Pretagogia, como elas propõem, se coloca como uma pedagogia insurgente, crítica e transformadora, voltada para a construção de um espaço educacional inclusivo e antirracista.

Segundo Petit e Silva (2011a), a Pretagogia fundamenta-se nos seguintes princípios: a) o autorreconhecimento afrodescendente; b) a tradição oral; c) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; c) a circularidade; d) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; e) o reconhecimento da sacralidade; f) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído e; g) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro.

Dessa maneira, os conhecimentos e saberes interagem dinamicamente, originando novas práticas em um fluxo contínuo, entrelaçados pela circularidade. A ancestralidade, o corpo como fonte e gerador de aprendizados, a integração da espiritualidade e da visão de mundo africana orientam as ações pretagógicas, assim como o respeito à sabedoria dos mais velhos, a valorização dos saberes transmitidos oralmente, em especial a tradição oral, com seus ensinamentos que atravessam a mitologia, os cantos, as expressões

ancestrais, as danças e diversas manifestações corporais que funcionam como textos vivos (Maria Kellynia Farias Alves; Sandra Haydée Petit, 2015).

A pretagogia se fundamenta na perspectiva de que a educação deve ser um instrumento de transformação social, capaz de resgatar e promover a identidade e a história da população negra. Nesse sentido, ela se diferencia das abordagens tradicionais que, historicamente, invisibilizaram ou marginalizaram as contribuições culturais e intelectuais dos povos africanos e afrodescendentes.

Cabe salientar que outros pesquisadores também discutem a importância da Pretagogia como abordagem que valoriza os saberes, a ancestralidade e as experiências da população negra no processo educativo. Pesquisadores como Esther Costa Mendonça (2021, 2022), Keila Oliveira (2022), Elvis Gomes Marques Filho, Leticia Oliveira de Souza, Marcos José Soares de Sousa e Lucineide Barros Medeiros (2021) e Geranilde Costa Silva (2013) ressaltam a necessidade de uma educação antirracista, que reconheça e respeite as identidades afrodescendentes, promovendo práticas pedagógicas que rompam com a hegemonia eurocêntrica.

Para Petit e Silva (2011b), a Pretagogia propõe uma releitura dos conteúdos curriculares, enfatizando a história da África e dos afrodescendentes de forma crítica, e destacando as resistências, conquistas e lutas pela liberdade e dignidade, não se limitando à inclusão de conteúdos sobre a cultura afro-brasileira. Assim, a Pretagogia propõe uma reestruturação profunda das práticas pedagógicas.

Essa reestruturação passa pela incorporação de metodologias e práticas que respeitem as especificidades culturais dos estudantes negros e promovam o protagonismo desses sujeitos no processo educativo. Para tanto, é necessário que a prática pedagógica seja sensível à realidade dos estudantes e dialogada, conforme propõem as autoras, de modo a desconstruir os estereótipos raciais e possibilitar a formação de uma identidade positiva e fortalecida.

Um dos pilares centrais da pretagogia é a valorização da oralidade e das formas de transmissão de saberes das culturas africanas e afro-brasileiras. Essa valorização está em sintonia com as tradições culturais afrodescendentes, onde a transmissão de conhecimento ocorre, muitas vezes, por meio de contação de histórias, cantos, danças e outros rituais comunitários. Petit e Silva (2011b) destacam que, ao trazer essas práticas para o ambiente escolar, a Pretagogia contribui para a construção de uma educação mais plural e democrática, que reconhece a diversidade de formas de conhecimento.

Salienta-se ainda que a Pretagogia tem o compromisso com a formação crítica e cidadã dos estudantes. Para Petit e Silva (2011b), essa proposta pedagógica não se restringe ao ensino de conteúdos, mas busca formar sujeitos conscientes de sua história, de seus direitos e de sua capacidade de agir no mundo. Assim, se articula com os princípios da educação popular e crítica, como aqueles defendidos por Paulo Freire, mas com um foco específico na promoção da consciência racial e na luta contra o racismo.

No que se refere ao currículo, a Pretagogia propõe a desconstrução das narrativas eurocêntricas que dominam a educação brasileira. Para Petit e Silva (2011a), é essencial que o currículo escolar contemple as histórias, as culturas e as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros, não como temas isolados, mas como parte integrante do processo de construção do conhecimento. Isso envolve, por exemplo, a inclusão de autores negros, a valorização das línguas africanas e afro-brasileiras, e o estudo crítico das desigualdades raciais e suas repercussões na sociedade.

Enquanto prática pedagógica, também dialoga com as leis tratando da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, como a Lei 10.639/2003. Portanto, é preciso que haja uma mudança na mentalidade educacional e nas práticas cotidianas. Isso inclui o combate ao racismo nas suas diversas formas e a promoção de uma educação inclusiva e representativa das diversas identidades que compõem o Brasil.

Conforme desenvolvida por Petit e Silva (2011a), a Pretagogia representa uma proposta pedagógica inovadora e necessária para a construção de uma educação verdadeiramente democrática e antirracista. Ao valorizar as culturas afro-brasileiras e promover a equidade racial, essa abordagem pedagógica contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de atuar na transformação social, portanto, se configura como uma prática pedagógica comprometida com a justiça racial e social e com a promoção de uma educação que respeite e valorize a diversidade cultural.

Da reflexão à ação: a Pretagogia no cotidiano escolar

Nos fundamentos da Pretagogia, ressalta-se a importância do pertencimento afro, compreendido como o reconhecimento da identidade afrodescendente para aqueles que possuem essa ancestralidade étnico-racial, predominante no Brasil e, em maior proporção, na região Nordeste. Destaca-se, também, a necessidade de compreender a posição social da população negra, permitindo a identificação do racismo estrutural e

naturalizado, assim como a valorização dos elementos culturais africanos que integram a identidade brasileira.

Alves e Petit (2015) em sua tese observam que ainda há uma negação das africanidades pelos cidadãos brasileiros, sobretudo, por parte de estudantes, inclusive no contexto universitário de pedagogia. Tal negação está relacionada à subalternização ou ao apagamento dessa dimensão cultural e identitária. Esse fenômeno decorre de um processo histórico de marginalização das heranças africanas, muitas vezes reforçado por currículos escolares eurocentrados, que invisibilizam as contribuições dos povos africanos na formação da sociedade brasileira.

A Pretagogia possibilitou diversas vivências pedagógicas com base em referências afrocentradas, as quais contribuíram para a construção de novos conceitos, entre eles os marcadores das africanidades, representados por trinta temáticas distintas (Alves; Petit, 2015). Tais temáticas evidenciam a presença e a influência das matrizes africanas em diferentes aspectos do cotidiano. São elas:

TABELA 1: Marcadores das africanidades

Nº	Temática	Nº	Temática
1	História do meu nome	16	Danças afro
2	Histórias da minha linhagem	17	Cabelo afro – práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos
3	Mitos/lendas/o ato de contar/valorização da contação	18	Representação da África/relações com a África
4	Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/territorialidades e desterritorialidades negras	19	Negritude – Força e Resistência
5	Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e valor da comida	20	Artesanatos
6	Pessoas negras referências da minha família/comunidade e referências globais	21	Outras tecnologias
7	Simbologias da circularidade/Tempos cíclicos e da natureza	22	Valores de família/filosofias
8	Práticas e valores de iniciação/Ritos de transmissão e ensino	23	Racismos (perpetrados e sofridos)
9	Mestras e mestres negras/negros da cultura negra	24	Formas de conviver/laços de solidariedade/relações comunitárias
10	Escrituras Negras	25	Relação com a natureza
11	Curas/Práticas de saúde	26	Religiosidades Pretas
12	Cheiros “negros” significativos	27	Relação com os mais velhos/senhoridade (respeito aos mais experientes)

13	Festas afro da minha infância e festas de hoje	28	Vocabulário afro/formas de falar
14	Lugares míticos e territórios afromarcados (investidos pela negritude)	29	Relação com o chão (vivências e simbologias)
15	Músicas/cantos/toques/ritmos/estilos afro	30	Outras práticas corporais (brincadeiras tradicionais, jogos e outros)

Fonte: adaptado de Alves e Petit (2015)

Os marcadores de africanidades configuram-se como instrumentos epistemológicos voltados à ativação de processos de autorreconhecimento identitário, por meio da identificação da herança cultural afrodescendente presente na constituição subjetiva e coletiva dos sujeitos. Conforme argumentam Alves e Petit (2015, p. 135), tais marcadores propõem uma revisitação dos territórios negros a partir das experiências históricas e das memórias socialmente construídas, permitindo ressignificar trajetórias individuais e coletivas à luz das matrizes civilizatórias africanas.

Nesse sentido, os marcadores operam como dispositivos de visibilização das conexões histórico-culturais com o continente africano, ultrapassando a superficialidade dos traços fenotípicos e alcançando dimensões mais profundas do pertencimento étnico-racial. Manifestam-se nas práticas cotidianas e nos saberes ancestrais incorporados nas dinâmicas familiares, nas manifestações religiosas e espirituais, nos fazeres artísticos, nas práticas de cura, na culinária, na arquitetura, entre outros campos de produção cultural. Portanto, constituem referências simbólicas e materiais que compõem a tessitura da identidade afro-brasileira, presente, ainda que muitas vezes silenciada, no cotidiano da sociedade brasileira.

A construção de uma educação que valorize a identidade e promova o protagonismo negro nas escolas tem sido alvo de importantes debates no campo da educação antirracista. A promulgação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, representa um marco legal importante para o reconhecimento da presença e da contribuição negra na formação do Brasil (Tomás Tadeu da Silva, 2009). Contudo, sua efetiva implementação ainda encontra barreiras estruturais, como a ausência de formação continuada de docentes e a escassez de materiais didáticos adequados (Kabengele Munanga, 2005).

É importante salientar que o professor, ao adotar práticas educativas pautadas na Pretagogia, necessita de um compromisso docente que vá além da mera formação teórica e continuada. Isso porque, muitas vezes, mesmo tendo acesso a cursos, estudos e

capacitações sobre a Pretagogia, a prática em sala de aula não se revela transformadora como se espera. É o comprometimento ético e crítico do educador que possibilita a concretização de ações pedagógicas capazes de promover a emancipação dos sujeitos e a construção de espaços educativos realmente antirracistas e inclusivos, como propõe a Pretagogia.

Segundo Nilma Lino Gomes (2003), a escola deve ser compreendida como espaço político, cultural e social, capaz de transformar realidades e promover a justiça racial e social. Para a autora, a presença negra na escola não deve se restringir a datas comemorativas ou folclorização da cultura afro-brasileira, mas precisa estar integrada à proposta pedagógica de forma transversal e contínua. É nesse sentido que a identidade negra deve ser fortalecida como eixo estruturante do currículo escolar.

De acordo com Munanga (2005), a construção da identidade negra no espaço escolar está intimamente ligada ao reconhecimento e à valorização das matrizes africanas na cultura brasileira. Munanga (2005) destaca a necessidade de uma pedagogia das relações étnico-raciais que combata o racismo estrutural, histórico e cotidiano que permeia as instituições de ensino. Isso implica não apenas mudanças curriculares, mas também transformações nas atitudes, práticas e relações estabelecidas no ambiente escolar.

Ainda no que concerne à formação da identidade negra, Gomes (2003) destaca que

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece (Gomes, 2012, p. 171).

Nesse sentido, Katia Régis e Guilherme Basílio (2018) defendem que o currículo escolar deve considerar os saberes afro-brasileiros como fundamentais na formação de todos os estudantes. O autor e a autora apontam que o protagonismo negro se constrói a partir do momento em que o sujeito é reconhecido como produtor de conhecimento e não apenas como objeto de estudo. Esse reconhecimento é vital para o desenvolvimento de uma educação verdadeiramente democrática e plural.

É importante salientar que a invisibilidade histórica da população negra nos livros didáticos e nas narrativas oficiais do país, por exemplo, colabora para o apagamento das

identidades negras. Assim, a escola tem o papel fundamental de recontar a história sob a perspectiva dos sujeitos negros, promovendo representações positivas e afirmativas que incentivem o pertencimento e a autoestima dos estudantes negros (Gomes, 2003).

Diante disso, a proposta de Pretagogia surge como uma alternativa metodológica e epistemológica centrada na valorização das práticas culturais negras. Essa abordagem sugere uma reconfiguração da prática pedagógica a partir de valores civilizatórios afrocentrados, promovendo o engajamento de professores e estudantes em experiências educativas antirracistas, baseadas na ancestralidade, oralidade e corporeidade. A escola, nesse contexto, torna-se lugar de resistência e (re)existência.

Além disso, a inserção das brincadeiras, cantigas, danças e narrativas afro-brasileiras no cotidiano escolar é apontada por Alves e Petit (2015) como estratégias eficazes para trabalhar a identidade negra desde a infância. Tais práticas permitem que crianças negras se reconheçam nos conteúdos e nas atividades escolares, ampliando sua capacidade de agência e protagonismo.

Nesse cenário, a formação docente aparece como elemento estratégico para garantir a efetividade das ações pedagógicas voltadas à valorização da identidade negra. Autoras como Lílian Aparecida da Cunha (2018) e Luciana Rosa (2020) defendem que cursos de licenciatura e programas de formação continuada precisam abordar o racismo, a história afro-brasileira e africana, e as pedagogias críticas, para que os professores estejam preparados para atuar com sensibilidade e conhecimento.

Portanto, entende-se que o papel da escola na construção de uma educação baseada na identidade e protagonismo negro ultrapassa a simples inserção de conteúdo. Exige comprometimento institucional, políticas públicas eficazes, engajamento da comunidade escolar e, sobretudo, a valorização dos saberes e das subjetividades negras como fundamentais para a formação humana e cidadã de todos os estudantes.

Da reflexão à prática: estratégias para aplicar a pretagogia nas práticas pedagógicas diárias

Como supracitado, a Pretagogia emerge como uma abordagem pedagógica inovadora, centrada na valorização das culturas africanas e afro-brasileiras no ambiente escolar. Conforme destacam Silva e Petit (2024), a Pretagogia utiliza brincadeiras tradicionais africanas e afro-brasileiras como ferramentas facilitadoras para a

implementação da Lei nº 10.639/2003, promovendo uma educação antirracista e inclusiva.

Para incorporar a Pretagogia nas práticas pedagógicas diárias, é essencial que os educadores desenvolvam uma compreensão profunda das culturas africanas e afro-brasileiras. Isso pode ser alcançado por meio de formações continuadas que abordem a história, as tradições e as contribuições dessas culturas para a sociedade brasileira. Mendonça (2022) enfatiza que a formação docente é crucial para que os professores se sintam preparados para abordar essas temáticas de maneira eficaz e sensível.

A integração de conteúdos afroreferenciados no currículo escolar é uma estratégia fundamental. Isso implica a revisão dos materiais didáticos e a inclusão de autores, histórias e perspectivas negras nas diversas disciplinas. Edilza Correia Sotero, Ilaina Damasceno Pereira e Sônia Beatriz Santos (2021) argumentam que essa prática contribui para a construção de uma identidade positiva entre estudantes negros e para a promoção do respeito à diversidade entre todos os alunos e alunas.

A utilização de metodologias ativas que valorizem a oralidade, a corporeidade e a ancestralidade africana é outra estratégia eficaz. Atividades como rodas de conversa, contação de histórias, danças e músicas tradicionais permitem que os estudantes vivenciem e se conectem com as culturas africanas de forma significativa. Cristiano Santos Araujo e Priscila Santos Araujo (2021) destacam que essas práticas promovem o engajamento dos alunos e alunas e fortalecem o sentimento de pertencimento.

Segundo Thiago Alves de Sousa, Isabella Canedo Tavares Garcia, Priscilla Martins Salgado e Marina Ferreira de Souza Antunes (2023), essa prática ajuda a combater o racismo estrutural presente na escola, que frequentemente invisibiliza ou marginaliza as culturas negras. Ao trazer elementos da ludicidade africana, os professores possibilitam que estudantes negros se reconheçam e se valorizem, ao mesmo tempo em que promovem a sensibilização dos estudantes brancos sobre a importância e a riqueza da cultura africana.

Fabiane Vitoria Bazzi, Maria Júlia Cesco Valemdolf e Renata de Oliveira Carvalho (2020) destacam como as intervenções práticas, no contexto educacional, sobretudo inserindo as brincadeiras afro-brasileiras, têm impacto direto e positivo na aprendizagem. Para os estudantes, elas ampliam as possibilidades de aprendizagem, tornando o processo educativo mais envolvente e próximo da realidade. Para os professores, segundo estas autoras, essas intervenções oferecem ferramentas para lidar com os desafios cotidianos

da sala de aula, melhorando suas práticas pedagógicas e promovendo um ambiente de troca de saberes.

Assim, Bazzi, Valemdolf e Carvalho (2020) oferecem uma visão prática e reflexiva sobre como intervenções planejadas e direcionadas podem reestruturar o ambiente escolar e impactar positivamente a aprendizagem e o ensino. No entanto, a sua implementação requer um compromisso coletivo, tanto dos gestores quanto dos professores, para garantir que essas práticas sejam contínuas e adaptadas às necessidades específicas de cada contexto escolar.

A brincadeira Terra-Mar, mostrada na figura 1, por exemplo, adaptada de Moçambique, é uma atividade lúdica amplamente utilizada em contextos escolares e recreativos. Nela, os participantes se posicionam em uma linha imaginária ou demarcada no chão, que simboliza a divisão entre terra e mar. O mediador da brincadeira comanda a ação, dizendo terra ou mar, e os participantes devem rapidamente pular para o lado correspondente. Quem errar ou demorar a responder é eliminado ou recebe um pequeno desafio.

É importante ressaltar que essa brincadeira exige que os participantes estejam atentos ao comando verbal e à localização espacial. Isso fortalece a habilidade de foco e a capacidade de ignorar distrações externas, habilidades cruciais para o desenvolvimento cognitivo em crianças e jovens (Débora Alfaia da Cunha, 2016).

FIGURA 1: Brincadeira Terra-mar



Fonte: (Cunha, 2016).

Outro exemplo é a brincadeira Pegue o Bastão (Figura 2), inspirada em práticas culturais e recreativas do Egito Antigo, onde o bastão desempenhava um papel simbólico

e funcional. Adaptada para o contexto escolar, essa atividade consiste em um jogo de reflexos e agilidade. Os participantes se posicionam em círculo, e um bastão ou objeto similar é colocado no centro. Ao comando do mediador, cada jogador deve tentar pegar o bastão antes dos demais. A brincadeira pode ser enriquecida com desafios ou regras adicionais, como realizar um movimento antes de avançar para pegar o bastão.

Cunha (2016) também ressalva que incorporar essa brincadeira é uma oportunidade para introduzir elementos culturais e históricos no ambiente escolar. Antes ou depois da brincadeira, os professores podem contextualizar a importância dos bastões no Egito Antigo, que eram usados em cerimônias, jogos e práticas esportivas. Isso contribui para ampliar o repertório cultural dos estudantes e promove o interesse pela história africana.

FIGURA 2: Brincadeira pegue o bastão



Fonte: Cunha (2016).

A brincadeira Saltando Feijão (Figura 3), de acordo com Cunha (2016), é uma atividade lúdica adaptada da cultura nigeriana, que combina coordenação motora, agilidade e trabalho em equipe. Inspirada em brincadeiras tradicionais de saltos e obstáculos, ela utiliza feijões ou objetos similares como elementos centrais. Na adaptação mais comum, feijões ou pedrinhas são dispostos em fileiras ou círculos no chão, e os participantes devem saltar sobre eles sem tocá-los, seguindo regras específicas que podem variar em dificuldade.

Jackson Rodrigues Cordeiro, Cíntia Silva de Oliveira, Lucas Reis Souto e Marcelo Cordeiro de Rezende (2015) afirmam que os jogos e brincadeiras afro-brasileiras representam uma iniciativa poderosa para a valorização da cultura negra no ambiente escolar. Essas atividades não apenas resgatam tradições ancestrais, mas também

promovem a conscientização sobre a riqueza cultural de matrizes africanas que influenciam a identidade brasileira. Ao introduzir práticas como cantigas, jogos simbólicos e danças, os educadores criam um espaço de inclusão e pertencimento, especialmente para estudantes negros, que muitas vezes não enxergam sua cultura representada de forma positiva no currículo tradicional.

FIGURA 3: Brincadeira saltando feijão



Fonte: Cunha (2016).

Os jogos didáticos africanos e afro-brasileiros têm grande potencial para enriquecer o ensino e, sobretudo, a aprendizagem de conteúdo dos componentes curriculares, especialmente em contextos de comunidades quilombolas. Esses jogos trazem práticas culturais ancestrais que dialogam com o cotidiano dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo e contextualizado.

É importante ressaltar que a criação de espaços na escola que celebrem a cultura afro-brasileira, como murais informativos, exposições artísticas e eventos temáticos, também é recomendada. Essas iniciativas visibilizam as contribuições negras para a sociedade e reforçam a importância da diversidade cultural. Tânia Maria dos Santos e Aldieris Braz Amorim Caprini (2021) ressaltam que tais ações contribuem para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de uma educação antirracista.

A parceria com a comunidade local e com organizações do movimento negro pode enriquecer as práticas pedagógicas. A participação de líderes comunitários, artistas e outros representantes da cultura afro-brasileira em atividades escolares proporciona aos estudantes modelos positivos e amplia sua compreensão sobre a diversidade cultural. Marília Farias Xavier (2022) apontam que essas colaborações fortalecem os laços entre a escola e a comunidade, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

No que concerne à avaliação das práticas pedagógicas, Mendonça (2022) afirma que deve ser contínua e reflexiva, permitindo ajustes e melhorias conforme necessário. A coleta do retorno dos estudantes, familiares e outros membros da comunidade escolar é fundamental para identificar os impactos das estratégias adotadas e para planejar ações futuras. Mendonça (2022) também destaca que essa postura reflexiva é essencial para o sucesso da implementação da Pretagogia.

A implementação da Pretagogia requer o compromisso de toda a equipe escolar. A sensibilização e a formação de gestores, coordenadores e demais funcionários são fundamentais para criar um ambiente escolar que valorize e respeite a diversidade étnico-racial. Silva e Petit (2024) enfatizam que a construção de uma cultura institucional antirracista é um passo crucial para o sucesso das práticas pretagógicas.

Diante disso, é importante reconhecer e valorizar as experiências e conhecimentos prévios dos estudantes relacionados às culturas africanas e afro-brasileiras. Incentivar os alunos e alunas a compartilharem suas vivências e perspectivas enriquece o processo educativo e fortalece sua identidade cultural. Sotero, Pereira e Santos (2021) afirmam que essa abordagem contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e democrático.

Portanto, a adoção da Pretagogia nas práticas pedagógicas diárias é um caminho potente para a promoção de uma educação antirracista e para a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras. Ao implementar as estratégias mencionadas, os educadores contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual a diversidade é reconhecida e celebrada.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam que a Pretagogia se configura como uma proposta pedagógica essencial para a promoção de uma educação antirracista, libertadora e culturalmente situada. Diante disso, ao partir de uma perspectiva

que valoriza os saberes e vivências das populações negras, a Pretagogia propõe uma ruptura com práticas eurocentradas e excludentes, ainda recorrentes no cotidiano escolar brasileiro. Ante as discussões aqui apresentadas, é possível inferir que essa abordagem pretagógica não apenas amplia os horizontes curriculares, mas também favorece o reconhecimento identitário de estudantes historicamente marginalizados.

Foi possível observar ainda que a implementação da Pretagogia como prática cotidiana nas escolas demanda uma atuação docente crítica, reflexiva e comprometida com a justiça racial e social. Logo, a formação continuada dos profissionais da educação deve emergir como um aspecto central para a efetivação dessa proposta, conforme apontam os autores revisados.

A Pretagogia possui grande potencial para transformar o ambiente escolar em um espaço de resistência e ressignificação. Ao incorporar saberes oriundos das culturas negras, por exemplo, a escola amplia suas possibilidades de ensino e aprendizagem, aproximando-se das realidades socioculturais dos estudantes. Essa aproximação contribui para a melhoria do desempenho acadêmico e para a construção de subjetividades fortalecidas e conscientes de sua ancestralidade.

No entanto, há grandes desafios para a consolidação da Pretagogia nas práticas escolares cotidianas, passando pela resistência institucional, a escassez de materiais didáticos específicos e o racismo estrutural que ainda permeia as relações escolares. Diante dessa realidade, as pesquisas indicam que é preciso investir em políticas públicas que incentivem práticas pedagógicas antirracistas e que promovam a equidade no acesso ao conhecimento.

Conclui-se, portanto, que a Pretagogia representa uma possibilidade concreta de reconfiguração do fazer pedagógico, desde que aliada a um projeto político-pedagógico engajado com os princípios da equidade racial, da valorização das identidades negras e da desconstrução das narrativas coloniais. Seu desenvolvimento no cotidiano escolar depende de uma articulação entre teoria e prática, entre reflexão e ação, possibilitando a emergência de um novo paradigma educacional, mais justo, inclusivo e plural.

Referências

ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia, Pertencimento Afro e os Marcadores das Africanidades: Conexões Entre Corpos e Árvores Afroancestrais. In: MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée (org.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 208-223.

ARAUJO, Cristiano Santos; ARAUJO, Priscila Santos. Pedagogia preta: leituras de esperança. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8804>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BAZZI, Fabiane Vitoria; VALEMDOLF, Maria Júlia Cesco; OLIVEIRA, Renata Carvalho. A educação antirracista: vivências e percepções de duas estudantes do IFMT. **Cadernos do Aplicação**, v. 33, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/105421>. Acesso em 6 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 17 ago. 2024.

CORDEIRO, Jackson Rodrigues; OLIVEIRA, Cíntia Silva de; SOUTO, Lucas Reis; REZENDE, Marcelo Cordeiro de. Jogos e brincadeiras afro-brasileiras: uma iniciativa para a valorização da cultura negra no “Corina”. Seminário Institucional (PIBID). **VI Encontro Mineiro Sobre Investigação na Escola**, p. 1-8, 2015. Disponível em: https://uniube.br/eventos/emie/arquivos/2015/anais_eletronicos/6.pdf. Acesso em 6 abr. 2025

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

CUNHA, Lílian Aparecida da. Educação antirracista e formação de professores: desafios e perspectivas. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 27, n. 53, p. 15–30, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/5032>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e pesquisa*, v. 29, p. 167-182, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?lang=pt>. Acesso em 30 mar. 2025.

JESUS, R. da S.; SANTOS, C. R. dos. Educação antirracista: práticas pedagógicas em escolas públicas do Nordeste brasileiro. **Revista Africanidades**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 44-63, 2021.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e Encantamento: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MARQUES FILHO, Elvis Gomes et al. Epistemicídio e necropolítica: a pretagogia como alternativa aos processos excludentes de ensino. **Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 67, p. 44-55, 2021.

MENDONÇA, Esther Costa. Pedagogia decolonial: a pretagogia como suporte para uma educação antirracista. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**, v. 1, n.

20, p. 133–144, 2022. DOI: 10.61389/wrlem.v1i20.5888. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/5888>. Acesso em: 6 abr. 2025.

MENDONÇA, Esther Costa. Pretagogia: subversão através de uma educação antirracista. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 57, p. 245-268, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/832>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Keila. Onde está a dança da pretagogia?: Metodologia antirracista para criar e ensinar dança. **Revista Cidade Nuvens**, v. 2, n. 6, 2022.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. Pretagogia: uma pedagogia para o negro brasileiro. In: **Seminário Internacional De Educação**, 5., 2011, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011a.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa. Pretagogia: Referencial Teórico Metodológico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In: CUNHA Júnior, Henrique, SILVA, Joselina da e NUNES, Cícera (org.). **Artefatos da Cultura Negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011b.

RÉGIS, Kátia; BASÍLIO, Guilherme. Currículo e Relações Étnico-Raciais: o estado da arte. **Educar em Revista**, v. 34, n. 69, p. 33-60, 2018.

ROSA, Luciana Aparecida da. Formação de professores para uma educação antirracista: possibilidades e desafios. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 1–19, 2020.

SANTOS, Tânia Maria dos; CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. A história das ideias pedagógicas e a invisibilidade das pedagogias do movimento negro brasileiro. **Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades**, Vitória, v. 1, n. 5, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/34089>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Geranilde Costa. **Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as**. 2013. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Faculdade de Educação Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Diversidade e educação: práticas e desafios pedagógicos**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, Samuel Morais; PETIT, Sandra Haydée. Tecendo brincadeiras africanas e afro-brasileiras na escola: uma proposta pretagógica para implementação da lei nº 10.639/2003. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 468–483, 2024. DOI: 10.12957/riae.2024.74041. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/74041>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Tomas Tadeu. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOTERO, Edilza Correia; PEREIRA, Ilaina Damasceno; SANTOS, Sônia Beatriz. Pedagogias negras: o antirracismo, o bem viver e a corporeidade. **Revista Inter-Ação**, v. 46, n. 3, p. 1314-1329, 2021.

SOUSA, Thiago Alves de; GARCIA, Isabella Canedo Tavares; SALGADO, Priscilla Martins; ANTUNES, Marina Ferreira de Souza. Jogos e brincadeiras africanas na educação física escolar. **IX Encontro Nacional das Licenciaturas**, Lajeados, RS, 2023. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV190_MD3_ID561_TB924_14112023104656.pdf. Acesso em 17 ago. 2024.

XAVIER, Marília Farias. **Pedagogia preta: práticas pedagógicas afrocentradas na educação infantil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.